

Infância, casamento, viuvez: A vida da mulher hindu de casta alta na Índia do século XIX, por Pandita Ramabai (1858-1922)

Childhood, marriage, widowhood: The Life of High-Caste Hindu Women in 19th Century India, by Pandita Ramabai (1858-1922)

Verônica Toste Daflon

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8398-2131>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4017198138135829>

Brenda Lima Lordello

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8165-3101>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3258264437543608>

URL do artigo: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265927>

Recebido em: 28/02/2025. Aprovado em: 17/09/2025.

Editora responsável: Vitoria Ferreira Doretto.

Revista de Estudos da Ásia

Recife, v. 1, n. 1, 2025.

Coordenadoria de Estudos da Ásia, do Centro de Estudos Avançados da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

Website: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/estudosasia>

Contato: revista.estudosdaasia@ufpe.br https://www.instagram.com/revista_estudos_asia

Como citar (ABNT)

DAFLON, Verônica Toste; LORDELLO, Brenda Lima. Infância, casamento, viuvez: A vida da mulher hindu de casta alta na Índia do século XIX, por Pandita Ramabai (1858-1922).

Revista de Estudos da Ásia, Recife, v. 1, n. 1, e265927, p. 1-14, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265927>. Acesso em: dd mmm. aaaa.



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A **Revista de Estudos da Ásia** não se responsabiliza por conceitos, análises, opiniões e ideias apresentados pelos autores dos textos, nem por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e quaisquer outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela reprodução e utilização de imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.

**INFÂNCIA, CASAMENTO, VIUEZ:
A vida da mulher hindu de casta alta na Índia do século XIX, por
Pandita Ramabai (1858-1922)**

*Childhood, marriage, widowhood:
The Life of High-Caste Hindu Women in 19th Century India, by Pandita
Ramabai (1858-1922)*

URL do artigo: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosasia/article/view/265927>

Verônica Toste Daflon¹

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4017198138135829>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8398-2131>

E-mail: veronicatoste@id.uff.br

Brenda Lima Lordello²

Graduanda em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3258264437543608>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8165-3101>

E-mail: brendalordello@id.uff.br

¹ Professora adjunta de sociologia da Universidade Federal Fluminense, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma instituição e bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

² Ex-bolsista de iniciação científica pela FAPERJ e integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e Interseccionalidade (LABGEN UFF).

RESUMO

Esta resenha se debruça sobre o livro "A mulher hindu de casta alta", escrito por Pandita Ramabai, uma referência na análise das condições de vida das mulheres hindus de casta alta na Índia do século XIX. Publicado originalmente em 1887 e recentemente traduzido para o português, o livro tem sido reconhecido por sua relevância para as ciências sociais e para a sociologia do gênero, das castas e da família. A autora, com base sobretudo na análise de textos sagrados e sermões religiosos e observações feitas em extensas viagens, abordou temas como o infanticídio feminino, o casamento infantil e a marginalização educacional das meninas hindus. Ramabai apontou os mecanismos políticos, econômicos e normativos que sustentavam a inferiorização das mulheres das castas altas e fez um apelo pela educação e inclusão social das viúvas. A resenha apresenta o contexto de escrita e recepção da obra de Ramabai e a situa dentro de discussões mais amplas sobre o cânone sociológico e as contribuições originadas no Sul Global. Por fim, destaca sua importância não apenas como documento histórico, mas também como ensaio teórico sobre as relações de gênero, castas e colonialismo.

Palavras-chave: Pandita Ramabai; condição feminina; mulheres; castas; Índia colonial.

ABSTRACT

This review explores the book "The High-Caste Hindu Woman," authored by Pandita Ramabai, an eminent figure in scrutinizing the living conditions of high-caste Hindu women in 19th-century India. First published in 1887 and recently translated into Portuguese, the book has been acknowledged for its significance in the social sciences and the sociology of gender, caste, and family. The author, through analyzing sacred texts, religious sermons, and her own travel observations, tackled subjects such as female infanticide, child marriage, and the educational exclusion of Hindu girls. Ramabai illuminated the political, economic, and normative structures that perpetuated the subjugation of high-caste women and advocated for the education and social inclusion of widows. The review provides the context in which Ramabai's work was written and received, positioning it within broader discussions on the sociological canon and contributions from the Global South. Lastly, it highlights its importance not only as a historical document but also as a theoretical essay on gender, caste, and colonialism relations.

Keywords: Pandita Ramabai; female condition; women; castes; Colonial India.

INFÂNCIA, CASAMENTO, VIUVEZ: A vida da mulher hindu de casta alta na Índia do século XIX, por Pandita Ramabai (1858-1922)³

1 INTRODUÇÃO

Em 24 de janeiro de 1888, o *The Indianapolis Journal* anunciava um evento incomum: duas palestras de Pandita Ramabai Sarasvati (1858–1922) para o público da cidade de Indianápolis, nos Estados Unidos. O tema da sua fala eram as condições de vida das mulheres hindus de casta alta na Índia. O jornal fornecia detalhes biográficos da palestrante, uma mulher indiana que teve a rara oportunidade de estudar o sânscrito, a história, tradições, filosofia e literatura hindu graças às atitudes heterodoxas de seu pai. Alto sacerdote brâmane, Anant Shastri Dongre acreditava que mulheres e homens deveriam receber a mesma educação e ensinamentos religiosos, sem distinção (The Indianapolis Journal, 1888).

O jornal também atestava as qualificações acadêmicas de Ramabai: antes de ir aos Estados Unidos, por três anos ela ocupou a cátedra de Sânscrito no Cheltenham College, na Inglaterra, onde adquiriu conhecimentos de história, ciências e idiomas. O historiador William Wilson Hunter e o filólogo Friedrich Max Müller davam testemunha de seu grande conhecimento e “caráter nobre”. A palestra, informava o jornal, tinha como objetivo sensibilizar o público e levantar fundos para um projeto de construção de escolas para meninas hindus na terra natal de Ramabai. Para isso, contava com o apoio de religiosos eminentes e de mulheres educadoras e reformistas de projeção nacional (The Indianapolis Journal, 1888).

Um detalhe importante, mas omitido pelo jornal, era o fato de que Ramabai carregava consigo um pequeno e notável livro de sua autoria: *A mulher hindu de casta alta*, publicado um ano antes por uma pequena editora da Filadélfia e prefaciado por Rachel Bodley (Ramabai, 1887). Professora e reitora da Women's Medical College of Pennsylvania, Bodley esteve à frente de uma das primeiras escolas de medicina no mundo criadas especificamente para mulheres e foi uma das apoiadoras da turnê americana de Ramabai. Sobre a escrita do prefácio do livro, Bodley afirmava: "essas linhas são escritas com profunda emoção; as lágrimas me cegaram, caindo sobre a página, e foram as lágrimas mais tristes que meus olhos já choraram." (Bodley, 1887, p. i).

³ Gostaríamos de agradecer à FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro pelos recursos que viabilizaram essa pesquisa: a bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado e o programa de bolsas de Iniciação Científica.

De fato, um dos objetivos de *A mulher hindu de casta alta* era comover. Redigida em inglês e dirigida ao público estrangeiro, a obra era uma peça fundamental da campanha de filantropia movida por Ramabai, pois explicava didaticamente as aflições e violências que se abatiam sobre uma mulher hindu de casta elevada, do nascimento à morte. Apoiado em diferentes fontes, como escrituras hindus, sermões religiosos e observações *in loco* feitas em viagens, esse livro hoje é reconhecido como uma incursão pioneira na sociologia da família, da infância, das castas e das relações de gênero na Índia (Chakravarti, 1987). A recepção do livro foi um sucesso: no mesmo ano de sua publicação, um grupo de pessoas criou a Associação Ramabai em Boston, dedicada a informar os americanos sobre a situação das mulheres hindus e a arrecadar dinheiro para criar escolas exclusivas para elas na Índia. Em pouco tempo, a iniciativa já estava presente em outras 66 cidades (Prashad, 2004).

2 “A MULHER HINDU DE CASTA ALTA”

Mais de 130 anos após a sua publicação, *A mulher hindu de casta alta* ganha agora a tradução integral de Tayná Mendes, e conta com organização, revisão técnica e notas de Celso Castro e Gabri Kucuruza. A tradução acontece em um contexto de discussão e reavaliação do cânone sociológico, que tem culminado na publicação de diversos livros-coletâneas sobre autoras mulheres e/ou do Sul Global em atividade durante o século XIX, período de institucionalização da sociologia na Europa e Estados Unidos. Ramabai é apontada nesses textos como uma pensadora original e autora de *insights* sociológicos importantes fora da modernidade europeia. Por isso, ela mereceria um lugar na galeria de autores clássicos das ciências sociais, ao lado de autores como Marx, Weber, Durkheim, Simmel, Tocqueville e outros (Alatas; Sinha, 2017; Daflon; Sorj, 2021; Daflon; Campos, 2022; Castro, 2022).

Disponível para compra ou para download gratuito, o livro é composto por uma apresentação do organizador, que fornece dados biográficos e uma moldura histórica à obra, e pela obra integral, dividida em sete capítulos: “Observações Preliminares”, “Infância”, “Vida de Casada”, “O lugar da mulher na religião e na sociedade”, “Viuvez”, “Como a condição das mulheres afeta a sociedade” e “O apelo”. O livro descreve os acontecimentos típicos da vida de uma mulher hindu de casta alta, do útero da mãe até a morte.

A autora partiu sobretudo dos conhecimentos adquiridos em suas viagens com o pai e o irmão. Como sacerdote brâmane, seu pai viajava continuamente para oferecer serviços rituais à sua comunidade e era, junto com sua família, acolhido nos lares das famílias hindus das castas

elevadas. Após a morte dos seus pais, ela e seu irmão passaram três anos em trânsito, chegando ao extremo Norte da Índia e depois descendo para Calcutá. Segundo Ramabai, eles percorreram quase 6,5 mil quilômetros a pé. As viagens constantes forneceram a Ramabai oportunidades valiosas de observação do cotidiano e da vida privada das pessoas de sua casta (Chakravarti, 2013, 1996).

Sendo assim, embora Ramabai fosse uma brâmane marati, especificamente da sub-casta Chitpavan, sua obra não é uma análise regional. Conforme detalhado por Uma Chakravarti (2013), ela viveu uma vida nômade que a expôs a uma vasta gama de práticas culturais e sociais de diferentes regiões da Índia. Portanto, quando ela generaliza sobre as opressões da “mulher hindu de casta alta”, suas conclusões não se limitam aos brâmanes de Maharashtra, mas se apoiam em observações comparativas e pan-indianas.

A partir dessas generalizações, ao longo das páginas do livro, Ramabai fornece explicações de caráter econômico, político e cultural para o infanticídio feminino, o casamento infantil, a negação à educação feminina, a segregação física na casa e a violência contra as meninas e mulheres viúvas. Na seção “Observações preliminares”, a autora sintetiza aspectos da religião, dos costumes e da organização política da sociedade hindu, enfatizando o lugar central da religião na organização dos costumes e instituições dessa sociedade. Longe de reafirmar estereótipos sobre uma civilização ancestral imutável, Ramabai mostra uma sociedade em mudança, marcada por hierarquias, relações de poder e processos de invenção de tradições.

Na sequência, em “Infância”, ela explica como as regras sociais, econômicas e políticas que regiam a vida familiar levavam à preterição das meninas em favor dos meninos. Para as mulheres na sua condição, a chance de parir uma filha era uma fonte constante de angústia, pois a resposta de seu marido e parentes poderia ir desde a apatia até a violência. A lógica do matrimônio centrada no dote e na patrilocalidade⁴, especialmente em contextos de pobreza, fazia das filhas mulheres uma despesa e dos filhos homens, um investimento. Tal situação gerava um verdadeiro comércio matrimonial em que as meninas se tornavam excedentes de que a família precisava se desfazer. Esses fatores, segundo a autora, explicavam as diferenças no tratamento das crianças por sexo. Ao nascer, as meninas corriam o sério risco de serem assassinadas. Caso vivessem, elas enfrentariam abusos verbais e físicos durante toda a infância.

⁴ Em termos simples, a patrilocalidade é uma forma de arranjo pós-matrimônio em que a mulher recém-casada deixa a casa de sua família e passa a morar com a família do noivo. É comum em diversas sociedades, especialmente aquelas com alta desigualdade entre homens e mulheres, nas quais a autoridade e a herança são transmitidas através da linhagem masculina (Hudson et al., 2020).

A prática do dote, resumia ela, contribuía para o infanticídio feminino, a negligência e a desvalorização das meninas.

Em “Vida de casada”, terceiro capítulo do livro, Ramabai discorre sobre o casamento precoce das meninas hindus. Segundo ela, os limites entre a infância e a vida de casada de uma menina eram muito tênues, uma vez que, de acordo com o Código de Manu⁵, oito anos era a idade mínima e 12 anos a idade máxima recomendada para o matrimônio. A prática do casamento infantil era amplamente incentivada, pois, quanto mais cedo uma filha era entregue para o matrimônio, maior o mérito dos pais. Aqui, a ideia de mérito está diretamente conectada com uma perspectiva religiosa pois, por meio da entrega da filha, os pais passam a ter direito a recompensas no céu. Segundo Ramabai (2024, p. 34):

Embora nenhuma lei jamais tenha afirmado isso, a crença popular é de que a mulher não pode ter salvação a menos que seja formalmente casada. Não é de se admirar, portanto, que os pais fiquem extremamente ansiosos quando suas filhas têm mais de oito ou nove anos e não são procuradas para o casamento. Pouquíssimos pretendentes se oferecem para casar-se com as filhas mais pobres, embora ela possa pertencer a famílias de castas elevadas. A riqueza tem seu próprio orgulho e mérito na Índia, como em qualquer outro lugar do mundo, mas mesmo essa poderosa riqueza não é nada diante da regra da casta.

Ramabai não se detém em explicações puramente culturais, mas também analisa como fatores históricos, políticos e econômicos contribuía para a valorização do casamento e para a estigmatização de mulheres solteiras e viúvas. Segundo ela, o casamento não era apenas uma cerimônia envolvida por crenças religiosas, mas era sobretudo uma forma de administrar recursos e gerir finanças. Isso porque as filhas eram vistas como um custo, uma vez que eram privadas da possibilidade de trabalhar e ficavam confinadas ao ambiente doméstico. Nesse sentido, o casamento tornava-se uma estratégia econômica para a família pois, além de ser a forma “ideal” de se livrar desse gasto, era uma das únicas possibilidades de garantir o sustento de suas filhas a longo prazo. Este fator fazia com que os pais buscassem noivos em famílias com boas condições financeiras.

Segundo a autora, “os pais desejam ver suas filhas seguras e em uma família em que pelo menos tenham o bastante para comer e vestir; eles, claro, desejam que ela seja feliz com o marido, mas, na opinião deles, isso não é a única coisa necessária” (Ramabai, 2024, p. 34).

⁵ O Código de Manu é o texto legal mais conhecido da Índia pré-colonial, consolidado no século V d.C. Trata-se de um guia de jurisprudência que foi muito utilizado por juízes Brâmanes em conjunto com os costumes locais para arbitrar disputas. O código abordava diversos tópicos, como as relações entre grupos sociais e étnicos, entre homens e mulheres, a organização social e estatal, o sistema judicial e conceitos como carma e reencarnação, sendo um documento fundamental da história indiana (Olivelle, 2009).

Ramabai evidencia como a vida da mulher hindu se tornava ainda mais difícil após o casamento, destacando a infância como o auge de suas vidas. Segundo ela, a necessidade de resolver o “problema” do casamento fazia com que os pais mais pobres, que não conseguiam bons pretendentes, entregassem suas filhas com menos de dez anos para homens de até setenta anos, sem ao menos investigar quem eles eram.

Além da condição de submissão já intrínseca ao casamento na época, a patrilocalidade não apenas afastava as meninas de suas origens, como as colocava em posição inferior na hierarquia familiar da casa do marido. O sistema de família conjunta, uma característica comum na Índia, fazia com que diversas gerações de uma mesma família – formada em torno dos homens — dividissem o mesmo teto. Uma das principais dificuldades dessas jovens noivas recém-chegadas estava relacionada à dinâmica disciplinar aplicada pela família do marido. Segundo Ramabai, além do controle de comportamento, diversos trabalhos domésticos eram atribuídos pelas sogras a essas jovens esposas, com o objetivo de ensiná-las suas funções na casa. A sogra, aliás, possuía um papel de extrema importância dentro dessa dinâmica, uma vez que era responsável pela formação da nora. Sobre essa relação, a autora aponta:

[...] devo fazer justiça às sogras. Muitas delas tratam as jovens noivas de seus filhos como se fossem suas próprias filhas; muitas são gentis e carinhosas, embora ignorantes; [...] outras, ainda, por serem vítimas de tratamento impiedoso na infância, tornam-se duras de coração; estas farão tudo o que puderem para atormentar a criança usando linguagem abusiva, batendo nela e difamando-a perante os vizinhos. Muitas vezes, não se contentam em fazer isso sozinhas, mas induzem e incentivam o filho a se juntar a elas. Já vi em várias ocasiões esposas jovens serem vergonhosamente espancadas por maridos jovens e cruéis que não nutriam nenhum amor natural por elas (Ramabai, 2024, p. 40-41).

No quarto capítulo, “O lugar da mulher na religião e na sociedade”, Ramabai analisa a religião hindu com base em uma leitura crítica dos provérbios de Manu. Ela organiza e expõe as crenças populares sobre a natureza da mulher, destacando que, apesar de alguns escritos exaltarem a honra das mulheres, especialmente as mães, elas eram frequentemente retratadas como inferiores, maldosas, impuras e falsas. A autora argumenta que os valores e práticas religiosas, refinados ao longo do tempo pelos homens, deram suporte à reclusão e à inferiorização das mulheres. Além disso, Ramabai descreve o que ela chama de “religião da mulher”, que se traduz em deveres, expectativas e controles. Segundo sua análise, as mulheres eram ensinadas a ver seus maridos como deuses, a depender deles para a salvação e a obedecê-los em tudo, sem aspirar à independência ou agir fora das normas estabelecidas pela lei e pelos costumes.

Em “Viuvez”, Ramabai aborda aquele que considera o período mais temido e difícil na vida de uma mulher de casta alta. Segundo a autora, a perda do marido não era apenas uma tragédia pessoal, mas também interpretada como uma punição pelos seus pecados de vidas passadas. O tratamento dado às viúvas variava conforme a condição específica de cada mulher: mulheres idosas tendiam a ser mais respeitadas e as que tinham filhos homens, embora vistas como pecadoras, não eram alvos diretos de hostilidade. Já as viúvas mães de meninas e, principalmente, as viúvas jovens ou crianças, enfrentavam abuso e ódio por parte da comunidade.

Neste capítulo, Ramabai contrasta as diretrizes que regiam a viuvez masculina e feminina, demonstrando como essas normas foram historicamente construídas e reforçadas. A mulher viúva era vilanizada, pois a religião explicava sua situação como uma consequência de suas próprias atitudes em vidas passadas. Segundo a autora, com base nos códigos de Manu, os deveres das viúvas envolviam práticas de autopunição como emagrecer seus corpos com uma dieta de flores, raízes e frutas; e nunca fazer menção a outro homem além de seu marido. Até o fim da vida, elas deviam permanecer “pacientes, autocontroladas e castas” (Ramabai, 2024, p. 59). Em relação à comunidade, era comum que essas mulheres fossem hostilizadas, violentadas, isoladas e privadas de direitos. Segundo a autora, as punições também envolviam mudanças estéticas que sinalizavam a viuvez, como o uso de vestes específicas e a obrigatoriedade de manter os cabelos raspados.

A autoimolação de viúvas na pira funerária de seus maridos, sob a promessa de salvação própria e de seus familiares até a sétima geração, foi um costume, segundo Ramabai, inventado pelo sacerdócio posteriormente à escrita do Código de Manu. O suicídio de viúvas era compreendido e promovido como um ato de honra, uma solução para os problemas na vida e após a morte. Por outro lado, as diretrizes da viuvez masculina envolviam apenas cremar sua falecida esposa e se casar novamente. Neste capítulo, Ramabai também explora as conexões entre as práticas de violência contra essas mulheres e a concepção de salvação e karma dentro da religião hindu.

Em “Como a condição das mulheres afeta a sociedade”, penúltimo capítulo do livro, Ramabai afirma que as más condições de vida das mulheres teriam conduzido à degradação da sociedade hindu. Ela questiona e denuncia as normas opressivas, argumentando que não se poderia esperar que mães aprisionadas criassem bons filhos para a Índia. Para reverter esse quadro, Ramabai defende que o bem-estar social e familiar depende diretamente da melhoria das condições de vida das mulheres. Assim, reivindica que as demandas essenciais das mulheres

hindu de casta alta sejam atendidas, com destaque para as condições para a autossuficiência e a educação ministrada por professoras nativas. Por fim, propõe estratégias para ampliar e universalizar o acesso à educação entre as mulheres na Índia.

No último capítulo, Ramabai apresenta dados demográficos e faz um apelo, destacando a urgente necessidade de instituições educacionais e de acolhimento voltadas para a integração das jovens viúvas na sociedade. A ênfase na situação das mulheres viúvas se justifica em alguns fatores. O primeiro deles, segundo a autora, está no tamanho dessa população: o Censo de 1881 apontou que o número de mulheres viúvas de todas as idades e castas na Índia ultrapassava o de 20 milhões. Além disso, essas meninas e mulheres eram forçadas a permanecerem solteiras até a morte, privadas de meios e recursos para sua subsistência. Não à toa, muitas delas optavam pela morte. Ramabai enfatiza a educação como meio de libertação para essas mulheres, destacando a responsabilidade da religião nesse controle e opressão:

Nenhuma mulher de qualquer religião na qual acredite firmemente, seja ela considerada verdadeira ou falsa por outros, violaria sua consciência simplesmente em troca de comida e abrigo. O medo de ser tentada a renunciar à sua religião em troca de ganhos mundanos deve impedir que muitas excelentes viúvas hindus frequentemente as escolas missionárias estrangeiras, isso é inquestionável. Ela acredita honestamente que, se sua vida se tornar insuportável pela miséria doméstica, ela pode se afogar em um rio sagrado (Ramabai, 2024, p. 84).

Os leitores também podem estranhar o fato de Ramabai se referir às mulheres de “casta alta” e não às de outras castas. Sem conhecer o contexto, pode parecer que seu livro é dedicado a mulheres privilegiadas. Isso é falso, pois como vimos o status de sua casta se traduzia em opressões específicas: o infanticídio seletivo, o comércio matrimonial através do dote e, na viuvez, uma vida de isolamento, abusos e rituais de autopunição.

Um dos méritos do texto de Ramabai é mostrar que o status social dos homens das castas altas dependia de formas de subordinação brutal das mulheres da sua mesma casta. Afinal, uma das formas básicas de manter indivíduos em grupos sociais fechados e exclusivos é estabelecer interdições rígidas contra o casamento com pessoas de fora. Com castas rígidas e casamentos exclusivos, essas mulheres tinham suas capacidades reprodutivas altamente controladas em nome da pureza do grupo. Esse controle era mais intenso conforme a posição social do grupo, pois as castas mais elevadas possuíam os hábitos, rituais e regras de endogamia mais estritos e rigorosamente observados.

O sociólogo indiano André Béteille (1990) aponta as semelhanças entre “casta” e “raça” no que se refere às relações de gênero: onde há esse tipo de diferenciação e hierarquia, há

preocupação com a “pureza” – seja ritual, racial ou ambas – das mulheres no topo. Há também, afirma ele, potencial exploração sexual das mulheres posicionadas nos níveis hierárquicos mais baixos pelos homens situados acima. Ao falar do “patriarcado brâmane”, a historiadora Uma Chakravarti (2003) exemplifica essa dinâmica: se por um lado as mulheres de casta alta tinham sua sexualidade rigorosamente controlada, as mulheres de castas mais baixas, por outro, não eram vistas como guardiãs da pureza de um grupo, mas como um recurso sexual e de trabalho.

De acordo com Chakravarti (2003), o acesso sexual de homens de castas superiores a mulheres de castas inferiores era naturalizado, não gerando a mesma reação que uma relação inversa provocaria. Além disso, enquanto as viúvas de casta alta eram forçadas à reclusão e à morte social para preservar a honra da linhagem, as de castas mais baixas eram frequentemente inseridas em novos casamentos para garantir a exploração contínua de sua força de trabalho produtiva e reprodutiva. Isso criava uma dupla vulnerabilidade, pois, além da exploração pelas castas dominantes, essas mulheres também enfrentavam o patriarcado dentro de suas próprias comunidades.

Embora haja inegavelmente diferenças e variações históricas, castas e hierarquias raciais são bons casos para pensar na questão do tráfico de mulheres e a exploração das capacidades reprodutivas femininas como uma forma de extração de recursos e de criação e manutenção de grupos hierárquicos. Esse tipo de arranjo não é uma especificidade da Índia, e, embora não seja uma invariante, é um desenvolvimento histórico constatado em diversas sociedades, inclusive europeias, variando e mudando em sua estrutura (Lerner, 2019).

3 CONCLUSÃO

A cientista política Kumai Jayawardena (2016) aponta como a virada do século XIX ao XX foi importante para as mulheres do terceiro mundo. Ao analisar os casos da Índia, Sri Lanka, China, Japão, Turquia, Egito, Irã, Coreia, Indonésia, Filipinas e Vietnã, ela mostra como o feminismo nesses países não foi uma imposição ocidental, mas produto de circunstâncias históricas ambivalentes e complexas, mas favoráveis à vocalização de algumas demandas femininas. A Índia, no entanto, acabou trilhando uma experiência de modernização autoritária, em que a unidade doméstica-familiar foi tomada como instituição social pública a serviço de interesses nacionalistas. A trajetória de Ramabai se deu dentro desse contexto e encarna os limites e possibilidades do seu momento histórico.

Passado tanto tempo, *A mulher hindu de casta alta* conserva seu caráter didático original. Além de um documento histórico importante, o texto é também um ensaio teórico sobre as relações de gênero, poder, economia, castas e religião. De leitura fácil, pode interessar estudiosos do Sul da Ásia, cientistas sociais, historiadores e pesquisadores das relações de gênero, em suas diferentes configurações históricas, sobretudo aquelas fora do contexto do Norte Global. Para as ciências sociais, o livro possibilita diálogos com os autores clássicos canônicos. Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber interessaram-se pela Índia, debruçando-se sobre temas como a dominação colonial britânica (Marx, 1853), a prática da autoimolação de viúvas (Durkheim, 2005 [1897]), as castas, as formas de ascetismo e as religiões budista e hindu (Weber, 1958 [1918]). Ramabai fornece uma análise singular, que permite debates teóricos com esses autores a partir de um olhar mais sensível à condição feminina.

Pandita Ramabai pode também ser inserida em um diálogo produtivo com outras autoras mulheres em atividade no século XIX. A autora britânica Harriet Martineau, por exemplo, escreveu um livro extenso sobre a história do domínio britânico na Índia (Martineau, 2016 [1857]), analisando as consequências políticas, econômicas, sociais e culturais da colonização no subcontinente. O livro de Ramabai fornece uma perspectiva distinta, afastada dos gabinetes dos sociólogos europeus e dos relatos de missionários e viajantes de que eles se valeram como fontes. Além de ter observado em primeira mão as práticas das castas, do dote e da economia política da troca de mulheres, Ramabai circulou entre as elites brâmanes masculinas, conhecendo por dentro a política das castas e do gênero sob o colonialismo.

Vale também registrar que a autora escreveu o instigante *The Peoples of the United States*, livro em que analisou o governo, economia e relações entre homens e mulheres nos Estados Unidos do século XIX a partir da sua experiência de três anos viajando pelo país. Enquanto seu livro sobre as mulheres hindus foi escrito em inglês e dirigido ao público anglófono, esse livro foi escrito originalmente em marati, a língua oficial de seu estado natal de Maharashtra, e direcionado a um público específico: a comunidade letrada local. Com isso, ela se engajava diretamente com os reformadores, os tradicionalistas e a emergente classe média brãmame de sua região. Trata-se de um raro relato de uma indiana sobre um país ocidental, que não só permite entender melhor o próprio contexto de escrita de *A mulher hindu de casta alta* como também conhecer um relato de uma mulher em trânsito entre a Índia, o Império Britânico e a América (Ramabai, 2003 [1889]).

Os caminhos abertos por *A mulher hindu de casta alta* são exemplares do que Hamlin, Weiss e Brito (2023) têm chamado de “polifonia” nas ciências sociais, isto é, a forma como

diferentes vozes e perspectivas podem coexistir e interagir, enriquecendo a sociologia e ampliando seu arsenal teórico e metodológico. Ao colocar Ramabai em diálogo com autores canônicos, podemos expandir nosso repertório, promover novas controvérsias e dinamizar a sociologia clássica. Na prática, isso significa ensiná-la, difundir sua obra e torná-la tema de pesquisas, sínteses, comentários e comparações.

Em resumo, esse livro vem se somar ao conjunto de obras clássicas das ciências sociais disponíveis no Brasil, nos levando a desbravar novos caminhos de reflexão e crítica rumo a uma sociologia mais cosmopolita e menos provinciana. Afinal, como afirma Raewyn Connell, “apenas o conhecimento produzido em escala planetária é adequado para apoiar a autocompreensão das sociedades que estão sendo forçosamente remodeladas em escala planetária” (Connell, 2007, p. vii).

REFERÊNCIAS

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **Sociological theory beyond the canon**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

BÉTEILLE, Andre. Race, Caste and Gender. **Man**, v. 25, n. 3, p. 489–504, 1990.

BODLEY, Rachel. Introduction. In: RAMABAI, Pandita. **The High-Caste Hindu Woman**. Philadelphia: J. B. Rodgers Printing Co., 1887. p. i-xxiv

CASTRO, Castro. **Além do Cânone: Para Ampliar e Diversificar as Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.

CHAKRAVARTI, Uma. The myth of “patriots” and “traitors”: Pandita Ramabai, brahmanical patriarchy and militant Hindu nationalism. In: JAYAWARDENA, K.; ALWIS, M. DE (Eds.). **Embodied violence: communalizing women’s sexuality in South Asia**. London: Zed Books, 1996. p. 190–239.

CHAKRAVARTI, Uma. **Gendering caste: through a feminist lens**. Calcutá: Stree, 2003.

CHAKRAVARTI, Uma. **Rewriting history: the life and times of Pandita Ramabai**. Nova Déli: Zubaan, 2013.

CONNEL, R. **Southern Theory: the global dynamics of knowledge in Social Science**. Sydney: Allen & Unwin, 2007.

DAFLON, Verônica Toste; BILA, Sorj. **Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro. **Pioneiras da sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. Niterói: EdUFF, 2022.

DAFLON, V. T.; LORDELLO, B. L. Infância, casamento, viuvez

DURKHEIM, Émile. **Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HAMLIN, Cynthia Lins; WEISS, Raquel Andrade; BRITO, Simone M. Por uma sociologia polifônica: introduzindo vozes femininas no cânone sociológico. **Sociologias**, v. 24, p. 26–59, 20 fev. 2023.

HUDSON, Valerie. M.; BOWEN, Donna Lee; NIELSEN, Perpetua Lynne. **The First Political Order: How Sex Shapes Governance and National Security Worldwide**. Columbia: Columbia University Press, 2020.

JAYAWARDENA, Kumari. **Feminism and Nationalism in the Third World**. London: Verso Books, 2016.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARX, Karl. The British Rule in India. **New York Daily Tribune**, n. 3804, 25 jun. 1853. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783050076072-033>

OLIVELLE, Patrick. **The Law Code of Manu**. Oxford: Oxford University Press, USA, 2009.

PRASHAD, Vijay. Pandita Ramabai's American Encounter: The Peoples of the United States (1889) (review). **Journal of Colonialism and Colonial History**, v. 5, n. 2, 2004.

RAMABAI, Pandita. **A mulher hindu de casta alta**. Tradução: Tayná Mendes; organização, revisão técnica e notas: Celso Castro e Gabri Kucuruza. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024

RAMABAI, Pandita. **The High-Caste Hindu Woman**. Philadelphia: J. B. Rodgers Printing Co., 1887.

RAMABAI, Pandita; KOSAMBI, Meera. **Pandita Ramabai's American Encounter: The Peoples of the United States**. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

THE INDIANAPOLIS JOURNAL. Ramabai, the Hindu. Indianapolis, 24 jan, 1888, p. 4.

WEBER, Max. **The religion of India: the sociology of Hinduism and Buddhism**. New York: The Free Press, 1958.